



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BOA VISTA, RR, 11 DE ABRIL DE 1997

Excelentíssimo Senhor Presidente da República da Venezuela, meu amigo Rafael Caldera; Senhor Governador do Estado de Roraima, Dr. Neudo Campos; Senhora Suely Campos; Senhores integrantes da comitiva venezuelana; Senhores Ministros de Estado que aqui se encontram; Senhores Ministros das Relações Exteriores que nos ladeiam; Senhores Senadores; Senhores Deputados; Senhor Presidente da Corporação Andina de Fomento, Embaixador Enrique García; Senhores Embaixadores; Autoridades federais, estaduais; Prefeito municipal; Autoridades municipais; Senhoras e Senhores,

Eu quero apenas dizer algumas palavras para saudar a presença do meu grande e querido amigo, o Presidente Rafael Caldera, que é um grande e querido amigo de todos os brasileiros, e que veio acompanhado dessa expressiva comitiva, integrada por vários de seus ministros. Da mesma maneira, na minha comitiva há muitos ministros. Estamos quase com os gabinetes completos aqui, para demonstrar a importância que o Brasil e a Venezuela atribuem aos atos que estamos celebrando aqui, em Boa Vista.

Vossa Excelência, Senhor Presidente, nos dá hoje a especialíssima honra de vir acompanhar, pessoalmente, um desenvolvimento que

considero da mais alta importância nas relações entre o Brasil e a Venezuela, e vem prestigiar o povo de Roraima com a sua visita.

Vossa Excelência foi sempre um autêntico amigo do Brasil e tem tido um papel da maior relevância na verdadeira obra de reconstrução que empreendemos em nossas relações a partir de 1994.

Eu sei da atenção constante que Vossa Excelência tem dedicado às relações bilaterais, assim como eu. E isso tem sido fundamental para garantir a indispensável liderança, o impulso e a vontade política necessários para promover um estilo de cooperação que vai muito além das boas intenções e da retórica, um estilo de cooperação que se enraíza em interesses concretos de nossas populações e que é muito bem ilustrado pelos atos que assinamos hoje.

Eu queria, aqui, dizer, a bem da verdade histórica, e eu me referi a 1994, que essa aproximação entre a Venezuela e o Brasil se deu na Presidência do Presidente Caldera e na Presidência do Presidente Itamar Franco, quando este fez uma visita a Caracas. Oportunidade na qual eu pude testemunhar, de Brasília, como Chanceler, o significado dessa aproximação entre o Brasil e a Venezuela.

Eu quero que o meu querido amigo, Presidente Rafael Caldera, saiba que o gesto muito especial de atenção e amizade que hoje nos faz Vossa Excelência é plenamente apreciado por mim, pelo governo brasileiro e, o que importa mais, pelo povo do Brasil.

Nós temos procurado, de forma sistemática, e com grande empenho, participar, pessoalmente, dessa realização conjunta brasileira e venezuelana, que está dando às nossas relações um perfil mais compatível com a importância de nossos vínculos como vizinhos, com a dimensão e o papel de nossos países na região. Mais que um projeto, esse já é um empreendimento que está extraíndo, do imenso potencial das nossas relações, iniciativas concretas que beneficiam diretamente as populações e os agentes econômicos dos nossos países.

Eu me recordo de que, ainda como Chanceler, eu me preocupava com a estrada 174 e que me chamava a atenção o fato de nós, praticamente, não importarmos petróleo nem da Argentina, nem da Venezuela. Isso em 93, 94. Era um sonho de todos nós que temos uma

visão de América do Sul e de boa vizinhança, de cooperação entre os povos.

Hoje, nós não estamos aqui para definir uma estratégia ou uma política. Essas já foram definidas. Nós estamos aqui para marcar passos concretos. Foi impressionante a quantidade de documentos assinados a partir dos quais, eu tenho certeza, decorrerão atividades, e estão transformando, realmente, esta cooperação em alguma coisa muito viva e que nos apraz a todos nós. E uma das razões de êxito desse empreendimento é a participação dos governos estaduais, tanto do Brasil quanto da Venezuela, no processo de identificação de oportunidades e de execução de projetos. O Governador Neudo Campos tem desempenhado um papel expressivo nesse sentido.

E assim como fiz, ao referir-me ao Presidente Itamar Franco, eu quero dizer que, quando estava no Ministério da Fazenda, o então Governador Otomar Pinto também tinha esse mesmo sonho que continua e que se vai concretando. E o tempo todo, os parlamentares de Roraima – e aqui estão os senadores, estão os deputados – apoiaram essas iniciativas, deram viabilidade a essas iniciativas. É, portanto, uma obra comum a que vai nos estreitando cada vez mais, Brasil e Venezuela.

E quando cheguei aqui, hoje, a Boa Vista, fui saudado em castelhano, na fila de cumprimentos de autoridades brasileiras e nem me dei conta porque eu achava que nós tínhamos um ministro em comum, que aqui está presente, e até o saúdo muito vivamente, e ao saudá-lo eu quero saudar toda a delegação venezuelana que aqui esteja conosco.

Roraima e, de forma mais ampla, a Região Norte do Brasil são um dos palcos da nossa diplomacia de integração Brasil/Venezuela. Por isso, desejo também agradecer a todas as autoridades e, sobretudo, à população de Roraima – esses pioneiros do nosso triângulo norte – pela amizade e hospitalidade com que nos estão recebendo.

Roraima é um estado com uma vocação particular para conectar-se com o mundo exterior, pela sua própria condição de estado fronteiriço e amazônico. Sua vizinhança com a Venezuela é um patrimônio que abre muitas oportunidades. E a algumas delas, estamos, justamente, dando expressão concreta, neste encontro entre presidentes. O Estado

de Roraima – como vocês pronunciam – está, hoje, na vanguarda de um projeto de integração que é de todo o Brasil.

Creio não ser necessário estender-me sobre a importância dos atos que acabamos de assinar e dos editais de concorrência para a contratação da linha de transmissão que ligará Santa Helena do Airem e Boa Vista. Eles têm uma variedade de dimensões.

Primeiro, porque representam a possibilidade de realização de velhas aspirações de Roraima, em matéria de comunicações viárias e de abastecimento de energia elétrica.

Segundo, porque ampliam, com extraordinário sentido prático, a cooperação que temos desenvolvido com um país vizinho e amigo, a Venezuela, que é, para nós, uma prioridade, em matéria de relações com a nossa região.

Terceiro, porque a participação da Corporação Andina de Fomento no financiamento de um projeto de interconexão viária entre a Venezuela e o Brasil consolida uma forma nova de cooperação, dentro da nossa região, dando à Corporação Andina de Fomento, que se transformou em um modelo de agência de desenvolvimento dos países andinos, um papel mais arrojado e mais bem-vindo, em toda a América do Sul. E é com prazer que eu registro, portanto, aqui, a presença do Presidente da CAF, Dr. Enrique García.

E, finalmente, porque esses atos e os compromissos que deles decorrem vão formando uma base concreta de integração entre o Brasil – especialmente através da sua Região Norte – e a Venezuela e, também, entre o Mercosul e o Norte da América do Sul.

Eu sempre disse que a integração sul-americana não se pode resumir à área comercial. Ela está baseada em um tripé, composto pelo livre comércio, pela integração energética e pela interconexão física. Cada um desses aspectos complementa e reforça os demais. Temos de avançar o máximo possível em cada uma dessas áreas. E é por isso que estamos em entendimentos com os países do grupo andino, para examinar as formas de promover uma associação desses países com o Mercosul. E é por isso que estamos promovendo, aqui, essas iniciativas, que vão ligar a energia elétrica venezuelana à matriz energética do Brasil.

A conclusão do asfaltamento da BR-174 e a construção da linha de transmissão Guri–Boa Vista são duas realizações concretas desse projeto de integração sul-americano e também de intensa aproximação entre o Brasil e a Venezuela.

Talvez, nós não possamos, hoje, medir as consequências dos atos que estão sendo aqui assinados, mas eles vão ter desdobramento histórico. A possibilidade não é apenas que nós estamos permitindo que Roraima tenha energia elétrica. Sonho antigo da Eletronorte, que veio para cá, dos que lutaram para que ela aqui estivesse, da agência local de eletricidade, do Governador Neudo Campos, dos que o antecederam, da população de Roraima, sonho antigo – a eletrificação. Muito custou a decisão: far-se-ia uma represa, produzir-se-ia energia, quem sabe prejudicando terras indígenas – coisa que, no meu Governo, não se fará – ou se tomaria uma decisão relativa a trazer a linha de transmissão do Guri.

Eu sempre fui partidário do Guri, mesmo antes de conhecer os detalhes. Eu sempre achei o como é importante, o quanto é essencial, que é a energização, e que essa energização seja um “dar-se as mãos” entre o Brasil e a Venezuela. É o que nós estamos fazendo, hoje, aqui, com tanta persistência por parte do Presidente Caldera e com a acolhida do Presidente Itamar Franco e minha, que eu espero que corresponda aos anseios dele, à persistência dele. E, mais ainda, na feitura dessa estrada, nós estamos fazendo a possibilidade da integração da Região Amazônica com o Caribe e com a América do Norte. Mas nós estamos, sobretudo, reforçando os liames do Brasil com a Venezuela.

Juntas, energia e estrada, é como se fosse a formação de uma cruz, que abençoa essa Roraima, que, daqui para frente, há de fazer o que está sendo feito. Há de fazer o que está sendo feito, que é a presença ativa do Governo Federal, junto com o governo estadual, mas, agora, daqui por diante, nas mãos dos roraimenses. A produção agrícola, a transformação dessas terras, que são férteis, a busca do calcário, que virá, quem sabe, da Venezuela, a produção de grãos, que vai se espalhar e que vai escoar, quem sabe, pela Amazônia – e, amanhã, estaremos lá, inaugurando o terminal graneleiro, em Itacoatiara – ou, quem sabe, na Venezuela, ou dividindo essa produção, que poderá ser tão generosa para o

Norte e para o Sul, dando, portanto, não apenas aos governos, mas ao povo, à população mais simples dessa região, uma esperança de trabalho, uma esperança de produção agrícola, uma esperança de melhores condições de vida.

É com esse espírito de transformação – como disse o Governador – espírito de modificação de práticas anteriores, de orientações anteriores, voltados para aquilo que é importante nesta região, que nós percebemos que é preciso mais. E esse mais é a integração crescente do Brasil com a Venezuela, da Venezuela no Mercosul, da América do Sul no Mercosul, para que nós formemos, realmente, um grande mercado, não apenas consumidor, mas produtor, e para que possamos nos lançar a aventuras maiores de integração hemisférica e de livre cooperação com a União Européia, de cooperação com os países da Ásia, em condições mais propícias para os nossos povos.

É por isso que eu quero acrescentar que essas iniciativas complementam outras iniciativas, como, por exemplo, os entendimentos entre a Petrobras e a Pedevesa, que foram firmados numa visita que fiz a Caracas, visita que me marcou para sempre, pela gentileza do povo de Caracas, pela gentileza do Presidente Caldera e pelo sentido histórico da presença do Brasil lá, como, hoje, tem sentido histórico a presença do Presidente Caldera aqui.

Lá, firmamos um entendimento entre a Petrobras e a Pedevesa. E nós queremos dar não apenas a dimensão de comércio, ou seja, da compra, pela Petrobras, do petróleo da Venezuela, mas muito mais do que isso, queremos juntos, em aventuras em comum, Brasil e Venezuela, explorar petróleo aqui e na Venezuela e no resto do mundo, e constituir uma grande unidade de produção de petróleo formado por essas duas entidades, que passaria a ser das maiores empresas do mundo atuando nessa área.

Há, portanto, uma realidade nova. E essa realidade nova é uma realidade que nos leva a uma integração crescente. Eu tenho certeza de que os passos que estamos dando, no sentido dessa construção, dessa visão bolivariana de uma América do Sul integrada de uma maneira física, esses passos novos estão motivados por algo mais profundo, que é a

integração de espíritos, é a coincidência de sentimentos, é o sentimento comum de brasileiros e venezuelanos – assim como de todos os sul-americanos – de que nós temos a obrigação de, dadas as potencialidades da nossa região, oferecer mais aos nossos povos. E a consciência que nós temos de que, juntos, Presidente Caldera, podemos fazer mais do que isoladamente. E a consciência que nós temos de que tudo isso nós fazemos dentro de um marco de paz e democracia, sem o qual não há desenvolvimento econômico possível para a nossa região, nem benefício para o nosso povo.

Esse grande entendimento hoje se associa ao Governo Federal, ao governo estadual, às lideranças políticas desta região, às lideranças empresarias, às lideranças sindicais. Nós estamos dando grandes passos, hoje, numa caminhada que podemos dizer que já começou. E é por isso, para assistir a esse grande acontecimento que o Presidente Caldera e eu quisemos estar aqui presentes, juntos, para testemunhar o que os senhores e as senhoras estão fazendo, o que o povo dos nossos estados limítrofes da Venezuela e do Brasil está fazendo: apoiar, testemunhar e dizer-lhes, para terminar, porque nós temos absoluta tranquilidade, absoluta confiança de que esse é o bom caminho, é o caminho da união do Brasil, da Venezuela, da integração de Roraima nesse projeto nacional, da integração do Mercosul com uma visão sul-americana e a continuidade dessas relações que são, hoje, de irmandade entre os nossos povos.

Muito obrigado, Presidente Caldera.